

MONOCAUSALIDADE E TEORIA DA CRISE: UMA RESPOSTA A DAVID HARVEY

RESUMO

Michael Roberts oferece uma crítica abrangente a Harvey e argumenta que Marx nunca abandonou a lei da queda tendencial da taxa de lucro como uma explicação relevante para as crises. Ele nunca voltou à teoria simplesmente porque estava satisfeito com ela. Ao invés de desenvolver a teoria, tentou descobrir como usá-la para explicar a natureza cíclica do capitalismo bem como sua natureza transitória. Roberts defende que os pressupostos da lei são realistas e podem ser reduzidos a apenas dois: que a força de trabalho é a única fonte de valor e que a acumulação de capital leva ao aumento da composição orgânica do capital. O autor se opõe à visão de que cada crise tenha uma origem diferente e “conjuntural”. A natureza recorrente das crises capitalistas implica que tenham uma causa comum.

ABSTRACT

Michael Roberts offers a comprehensive critique of Harvey and argues that Marx never abandoned the TRPF as a relevant explanation of crises. He never went back to the theory in his later years simply because he was satisfied with it. Rather than developing the theory he tried to figure out how to use it to explain the cyclical nature of capitalism as well as its transitory nature. Roberts contends that Marx's assumptions for the TRPF are realistic and can be reduced to just two: labor power is the only source of value, and capital accumulation leads the organic composition of capital to rise. He argues against the view that each crisis has a different or ‘conjunctural’ origin. The recurrent nature of capitalist crises implies that they must have a common cause.

Michael Roberts

*Economista e pesquisador independente, mantém o blog thenextrecession.wordpress.com.
bobmckee99@yahoo.com*

Tradução

Cássio Arruda Boechat

*Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
cassio.boechat@ufes.br*

Esse artigo¹ objetiva refutar os argumentos de David Harvey de que a teoria da queda tendencial da taxa de lucro (QTTL) de Marx não é relevante para qualquer teoria marxista das crises sob o capitalismo. O artigo irá argumentar que, ao contrário do revisionismo acadêmico recente, Marx não abandonou sua lei da lucratividade ou ignorou-a como uma teoria das crises em seus últimos anos de vida. Ele procurará defender a visão de que a lei de Marx é logicamente coerente com a lei do valor; que a lei é relevante para uma teoria de crises consistente; e, mais ainda, que a lei propicia a explicação subjacente e a definitiva causa de crises no modo de produção capitalista.

A lei proporciona uma clara causalidade para crises, que é apoiada por um montante crescente de evidências empíricas compiladas por muitos estudiosos. A natureza da lei como uma tendência ao lado de contra-tendências pode explicar o desenvolvimento cíclico da produção capitalista melhor do que quaisquer teorias de crises alternativas apresentadas por marxistas no passado e por Harvey agora.

A matéria em debate é simples: é a QTTL de Marx a principal e definitiva causa para as recorrentes e regulares crises da produção capitalista, que leva à aguda e prolongada queda na produção, emprego e receitas nas economias modernas? No artigo anterior, Harvey basicamente conclui que a QTTL não é a única e nem a principal causa de crises. Então, ela não pode ser

a base de uma teoria de crise marxista. Eu defendo o contrário.

Harvey inicia dizendo que “os marxistas frequentemente apelam para a teoria da tendência de queda da taxa de lucro como uma explicação subjacente” de crises. Bem, alguns como eu fazem isso. Mas, na verdade, a maioria dos marxistas e dos economistas marxistas, mesmo hoje, não concordam. A visão de que a QTTL de Marx é relevante para explicar os *booms* e as derrocadas cíclicas sob o capitalismo nunca foi uma opinião majoritária. Os primeiros marxistas depois de Marx – Kaustky, Lenin, Bukarin, Luxemburgo, Hilferding e o economista stalinista Varga – rejeitaram a QTTL como um condutor por trás da teoria das crises marxista². De fato, foi apenas nos anos 1920 e 1930 que Grossmann (1992) e Mattick (1974) levaram adiante a QTTL como uma teoria da crise.

No período do pós-guerra (pelo menos a partir dos anos 1970), mais economistas marxistas adotaram a QTTL como a base da teoria da crise (Cogoy, 1987; Yaffe, 1972; Carchedi, 1992). No entanto, ainda era uma visão minoritária (ver Sweezy, 1946; Baran e Sweezy, 1962) e permanece sendo até hoje. Os economistas marxistas mais proeminentes hoje, incluindo é claro o próprio Harvey, não a aceitam (Aglietta, Dumenil, Husson, Uno, Itoh, Wolf, e assim por diante). Ademais, a maioria dos grupos marxistas revolu-

1 - O texto em questão é o capítulo 4 do livro *The Great Financial Meltdown*, organizado por Turan Subasat (Edward Elgar Publishing, Northampton, EUA, 2016) e faz referência constante à organização dele. Compondo um explícito debate com o capítulo anterior de David Harvey, irá remeter-se constantemente a ele. Aqui, todavia, os capítulos aparecem como artigos do presente dossiê “Geografia da crise”. Desse modo, substituímos a palavra “capítulo” por “artigo” [NT]. Agradecemos enormemente ao autor pela permissão dada para que essa tradução pudesse ser feita.

2 - Henryk Grossmann (2014) proporciona um excelente balanço das teorias de crise adotadas por marxistas após Marx, até os anos 1930. Ver também Howard e King (1989).



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2019
ISSN 2175-3709

3 - Grupos latino-americanos parecem se comprometer mais com a QTTL.

4 - Tenho sido acusado de monomania. Mike Treen (2014), diretor da Central Sindical da Nova Zelândia, recentemente comentou ao discutir a teoria marxista da crise: “Mas a adesão mais monomaniaca à QTTL para explicar as crises levam-no à confusão. Michael Roberts até tenta explicar o ciclo de 10 anos sob o capitalismo como um resultado da queda na taxa de lucro. É claro que toda crise é associada a uma queda na taxa de lucro, mas aquele declínio temporário é um resultado da crise, não a causa”.

Michael Roberts

cionários ao redor do mundo, particularmente na Europa e nos Estados Unidos (EUA), rejeitam a QTTL de Marx como relevante para as crises³.

De fato, em março de 2011, Costas Lapavitsas, professor na School of Oriental and African Studies (SOAS), da Universidade de Londres, num encontro em que falou junto com Gerard Dumenil (que também rejeita a QTTL como a principal ou exclusiva causa de crises), reclamou que essa visão “monocausal” da QTTL era uma invenção de uma recente “escola anglo-saxã” de economistas marxistas e que nunca estivera na “tradição clássica” (Roberts, 2011a). Acaso Grossmann, Mattick ou, nesse sentido, Cogoy ou Carchedi possam ser considerados “anglo-saxões” é algo duvidoso. Mas eu certamente sou um anglo-saxão.

Dado o peso da rejeição da QTTL de Marx como a base para uma teoria das crises, é encorajador que o trabalho feito recentemente por alguns como Anwar Shaikh, Fred Moseley, Guglielmo Carchedi, Andrew Kliman, Alan Freeman, Mick Brooks, Peter Jones, Esteban Maito, Sergio Camara Izquierdo, Tapia Granados, Juan Mateo e eu mesmo tenha ganho certo impulso (Roberts 2013a; 2011b). Como um resultado, Harvey pode concluir que uma teoria das crises marxista baseada na QTTL agora “mantém uma posição icônica no imaginário marxista” e, assim, precisa ser demolida por Harvey – um verdadeiro elogio.

Monocausalidade

A maioria dos marxistas ainda considera que as crises sob o capitalismo podem ter diferentes causas em diferentes tempos. De fato, como Harvey diz ao final do seu artigo: “Não existe, acredito eu, uma única teoria causal da formação da crise na obra de Marx”⁴. Dumenil e Levy (2011) reconhecem que cada grande crise, como definida por eles (dos anos 1890, 1930, 1970 e a Grande Recessão), tem uma diferente causa “conjuntural” (para usar o termo de Harvey) (Roberts, 2011a). De modo semelhante, no seu recente e premiado livro, Panitch e Gindin (2013) reclamam que cada crise tem uma origem diferente.

Minha resposta imediata para essa visão eclética e “conjuntural” é aquela de Carchedi (2010a, nota 3), a saber:

alguns autores marxistas rejeitam o que eles veem como explicações ‘mono-causais’, especialmente aquela da queda tendencial na taxa de lucro. Ao invés disso, eles argumentam, não existe uma explicação única válida para todas as crises, exceto a de que elas são todas uma ‘propriedade’ do capitalismo e que as crises se manifestam em diferentes formas em diferentes períodos e contextos. No entanto, se essa ‘propriedade’ indefinível e misteriosa se torna manifesta como diferentes causas de diferentes crises, ao passo que se mantém incompreensível, se não sabemos de onde todas essas diferentes causas vêm, então não temos nenhuma teoria da crise... se as crises são recorrentes e se todas têm diferentes causas, essas diferentes causas podem explicar as crises diferentes, mas não a sua recorrência. Se elas são recorrentes devem ter uma causa comum que se manifesta recorrentemente como causas diferentes de diferentes crises. Não existe como contornar a ‘monocausalidade’ das crises.

A monocausalidade tem que ser amenizada com uma modificação: a saber, uma teoria marxista das crises deve olhar por trás da aparência dos even-

tos, por trás das causas imediatas em direção à causa essencial ou definitiva. Precisamos identificar a causa subjacente ou definitiva de crises da mesma maneira que Newton identificou a causa subjacente do movimento dos corpos na lei da gravidade e na força e atrito. Porém, também devemos reconhecer que o “gatilho” para cada crise pode ser diferente: pode começar com o colapso do mercado de ações (1929) ou com a derrocada do *boom* imobiliário (2007) ou com o agudo salto nos preços de *commodities* (petróleo em 1974). É aí que cada evento “conjuntural” pode ser diferente (Roberts, 2014a).

O Capital começa com o “geral”, ou deveríamos dizer com o “abstrato”, e caminha passo a passo para o concreto (Rosdolsky, 1977; Grossmann, 2015). Isso é vital para entender por que o maior pecado cometido pelo método da principal economia burguesa é olhar apenas para a aparência das coisas e não ver a essência. Mas, é claro, você não pode ficar com a essência e deve dar consistência a qualquer crítica de uma economia de maneira que as aparências possam ser explicadas.

A QTTL de Marx se refere ao lucro como mais-valia na economia como um todo, antes da divisão desse valor em “lucro do empreendimento”, renda e juros, que são tratados ao final do Livro 3 d’*O Capital*. Sim, como Harvey diz, o *Capital* de Marx, mesmo o Livro 3, está num nível de abstração do “capital em geral” (a extração de mais-valia do traba-

lho pelo capital) em sua maior parte. Isso ocorre por um motivo muito bom, uma vez que Marx quer revelar as leis chave do movimento do capitalismo, incluindo a mais importante, a QTTL, que conduz a acumulação e contém seu próprio declínio. Marx ignora as questões do crédito, do capital portador de juros e do Estado até lidar com os “muito capitais”, ou seja, a concorrência e a divisão da mais-valia entre os capitalistas.

Harvey diz que “Marx deriva a lei sob certos pressupostos”, que adiante ele se refere como “draconianos”, assim implicando que eles são tão restritos a ponto de serem irrelevantes para a realidade ou para a aparência das coisas. Mas modelos ou leis são sempre tão bons quanto seus pressupostos permitem. O ponto é que os pressupostos de Marx para a QTTL são muito realistas. Eles se resumem em apenas dois: que o valor só é criado pela força de trabalho; e que o capital deve acumular mais valor, mas só pode fazer isso, como regra, aumentando a composição orgânica do capital.

A composição orgânica do capital é a razão entre o valor dos meios de produção (ou estoque de ativos) e o valor da força de trabalho (salários). Ao longo do tempo, essa razão cresce. Isso não significa necessariamente que os salários caem. Os salários podem aumentar, mas o valor dos meios de produção aumentará mais. O trabalho cria valor e a composição orgânica do capital crescerá ao longo do tempo à medida que o capitalismo se expande e



Revista do Programa de Pós-Graduação
em Geografia e do Departamento de
Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2019
ISSN 2175-3709

5 - Kratke (2015), embora também negue que a QTTL de Marx fosse sua teoria da crise, discorda de Heinrich que Engels tenha distorcido os capítulos de Marx sobre a QTTL no Livro 3 do Capital.

6 - Jerrold Seigel (1993) deu uma olhada nos manuscritos. Sim, Engels fez mudanças editoriais significativas nos escritos de Marx sobre a lei no Livro 3 do Capital. Ele os dividiu em três capítulos, 13-15; o capítulo 13 era a lei, o 14 as influências contrariantes e o 15 descreveu as contradições internas. Mas ao fazê-lo, Engels deslocou parte do texto para o capítulo 13 sobre a “lei enquanto tal”, quando de fato no manuscrito de Marx ela vinha depois dos fatores contrariantes no capítulo 14. Dessa maneira, Engels na verdade faz parecer que Marx equilibra as contra-tendências em igual medida com a lei como tal, quando na ordem original do texto re-enfatiza a lei depois de falar sobre as contra-influências. Então, como Seigel (1993, p. 339) coloca: “Engels fez a confiança de Marx na real operação da lei do lucro parecer mais fraca do que o manuscrito de Marx indicava ser”.

cobre o globo. Dois pressupostos e apenas isso – e realistas, na minha opinião.

A propósito, a “concorrência perfeita” não é um pressuposto da QTTL de Marx, como Harvey afirma. Além disso, a QTTL não é afetada se as mercadorias são vendidas aos seus preços de produção ou preços de mercado ao invés de aos seus valores, e não depende de uma queda na “demanda efetiva”. Essa é a força da teoria: a taxa de lucro cairia mesmo no caso de todas as mercadorias estarem sendo vendidas. E a lei de Marx não é “restrita” por ignorar a monopolização ou falha em considerar o valor criado. Ao contrário, esses últimos processos são o resultado da operação da lei.

Harvey rebate dizendo que a QTTL de Marx é “contingente”. Isso poderia significar que ela deva ser testada na realidade. Nesse sentido, toda lei é contingente. Você começa com alguns pressupostos realistas, que são contingentes, mas então a lei conduz logicamente a um resultado que pode ser testado na realidade e pode também levar a previsões do que irá ocorrer; por exemplo, se a taxa de lucro ou a massa de lucros caem numa base sustentável, podemos esperar que ocorra uma crise na produção capitalista. Mas suspeito que o que Harvey entende por contingente é que não há lógica que leve da QTTL de Marx às crises; porque a lei mesma é “indeterminada”. Essa última acusação é realmente a linha que vem de Michael Heinrich e, antes dele, de Paul Sweezy (1946) e a moderna “escola” da *Monthly Review*. Carchedi e eu

já respondemos a essa acusação de indeterminação na QTTL (Roberts 2013b), assim como outros (Miller, 1995; George, 2013).

Marx abandonou a lei?

Somos informados pelos *iminentes estudiosos da Marx-Engels-Gesamtausgabe (MEGA)* (publicada por Karl Dietz Verlag Berlin), como Michael Heinrich (2013), que Marx provavelmente abandonou a QTTL como relevante para explicar crises nos seus últimos anos e que foi Friedrich Engels na sua edição d’*O Capital*, após a morte de Marx, que reinseriu a lei e a distorceu numa teoria de crise. Realmente, somos informados por Harvey que Engels colocou um “lustroso” e enganador título no capítulo 15 de Marx. Harvey aceita essa interpretação (e é isso o que é): “Acho a opinião de Heinrich altamente consistente com o meu ceticismo de longa data em relação à relevância geral da lei”. Bem, isso deve ser reconfortante para Harvey, mas não se sustenta diante dos fatos, ou na visão de outros estudiosos da *MEGA*⁵.

O pobre velho Freddy Engels se tornou o alvo de nossos modernos estudiosos marxistas da *MEGA*, que aparentemente sabem melhor o que Marx quis dizer do que o seu camarada mais próximo e ajudante⁶. Apesar do que Heinrich diz, não há evidência em lugar algum de que Marx (1973) tenha abandonado ou rejeitado a QTTL, considerada por ele como “a mais importante lei

da Economia Política”. Na minha visão, ele nunca voltou à sua teoria porque ele já havia lidado com ela – ao invés disso, passou então um tempo tentando pensar numa maneira de aplicá-la numa explicação da natureza cíclica das crises capitalistas⁷. Fred Moseley publicou recentemente um artigo sobre a edição de Engels do Livro 3 dos cadernos de Marx e conclui que Engels chegou tão perto quanto pôde do significado de Marx⁸.

Tendências e contra-tendências

Harvey nos diz que “sabemos que a linguagem de Marx vacilava entre chamar seu achado de uma lei, uma lei de uma tendência ou mesmo em determinada ocasião de apenas uma tendência”. Bem, deixe-nos fazer a pergunta. É a QTTL uma lei ou uma tendência? De fato, todas as “leis” na análise de Marx são tendências, o que significa que operam como uma força levando a uma certa direção. Por exemplo, “uma tal taxa geral de mais-valia – vista como uma tendência, como todas outras leis econômicas – foram pressupostas por nós com o intuito de simplificação teórica” (Marx, 1967, p. 275).

Harvey diz, bem no começo de seu artigo, que eu “[atribuo] a tal tendência (à QTTL) a presente longa depressão”. Isso não é correto porque uma tendência implica em contra-tendências e, assim, a tendência sozinha não pode ser inteiramente a causa de crises. A QTTL de Marx é a tendência, a “lei como tal”.

Mas com tendências, dialeticamente, vêm contra-tendências. A diferença entre as duas é importante. A tendência é a lei que vai, talvez, sobrepor contra-tendências. Mas contra-tendências podem atrasar, reverter ou desacelerar a tendência, por um tempo⁹. A QTTL diz que a taxa de lucro irá cair ao longo do tempo; mas ela não cai todo o tempo por causa de contra-tendências. De fato, as contra-tendências operam de tal maneira a dar um caráter cíclico à operação da QTTL.

Harvey nos diz que “os proponentes da lei tipicamente diminuem as tendências contrárias”. Sério? Estou certo que Harvey leu Henryk Grossmann (1992), que escora os apoiadores “monomaniacos” da QTTL como uma teoria do colapso capitalista e das crises recorrentes. Em seu livro, Grossmann toma 68 páginas para explicar a “lei enquanto tal”, a tendência. Ele toma 71 páginas para delinear todas as contra-tendências. Em meu livro *The Great Recession*, o ponto central de minha proposição de que a QTTL opera como um processo cíclico assim como secular está baseado no papel das contra-tendências (Roberts, 2009). O mesmo se passa com aquele outro autor “monocausal”, Carchedi (2010b).

Realmente, há muitas contra-tendências. Harvey as chama de uma “variedade de outros fatores”. Mas ele nota que eu geralmente identifico as duas principais: uma taxa crescente de mais-valia e o barateamento do capital constante. É precisamente por isso que elas estão no

7 - O ponto chave para Marx (1987) era que “o ciclo de rotações relacionadas, estendendo por um número de anos, no qual o capital é imobilizado pelo seu componente fixo, é um dos fundamentos materiais do ciclo periódico [de crise]... Mas uma crise é sempre o ponto de partida para um grande volume de novos investimentos. Também é, portanto, se considerarmos a sociedade como um todo, mais ou menos uma nova base material para o próximo ciclo de rotação.

8 - Fred Moseley (2015) recentemente lançou uma nova tradução para o inglês dos quatro rascunhos para o Livro 3 do Capital, no qual a lei de lucratividade de Marx é desenvolvida e mostra como Engels editou aqueles rascunhos para o Capital. Moseley mostra como o muito maligno Engels fez um sólido trabalho de interpretação dos manuscritos de Marx e que não houve nenhuma real distorção. “Pode-se, portanto, depreender que as intervenções de Engels foram feitas sobre o fundamento de que ele desejava fazer as sentenças de Marx parecerem mais agudas e, então, mais úteis para o debate político e social contemporâneo, por exemplo no terceiro capítulo sobre a tendência de queda da taxa de lucro” (Moseley, 2004).

Continua...



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2019
ISSN 2175-3709

9 - Como Marx (1967, p. 239) coloca claramente: “as mesmas influências que produzem uma tendência na taxa geral de lucro para cair também suscitam contra-efeitos, que dificultam, retardam e parcialmente paralisam essa queda. Os últimos não eliminam a lei, mas debilitam seus efeitos. Do contrário, não seria a queda da taxa geral de lucro, mas antes sua relativa lentidão, que seria incompreensível. Então, a lei age como tendência. E é apenas sob certas circunstâncias e apenas depois de um longo período que os seus efeitos se tornam explicitamente pronunciados”. Não acho que isso poderia ser mais claro.

10 - Para mais sobre o papel da rotação de capital, devemos esperar um artigo não publicado por Carchedi e Roberts (s. d.).

11 - Para um comentário sobre aquele discurso de Harvey, ver Roberts (2011c).

nível de abstração da “lei enquanto tal”, nomeadamente do “capital em geral”. Os outros fatores contrariantes, tais como a taxação, ganhos no estrangeiro, crédito estatal, monopolização e assim por diante, estão no nível dos “muitos capitais”. A tendência contrariante da globalização do capital, à medida que procura por novas fontes de criação de valor na urbanização do trabalho rural barato das assim chamadas economias emergentes (algo que Harvey corretamente ressalta) (Smith, 2010), é realmente um produto da dominância da tendência sobre as contra-tendências chave, levando a diminuir a pressão sobre a lucratividade naquelas economias nacionais que quase exauriram tais fontes de valor.

Harvey também indica um aumento da rotação do capital como outra tendência contrariante. A rotação acelerada certamente irá fomentar a taxa de lucro para um capitalista individual, mas apenas à custa de outros capitalistas “mais lentos”. Uma taxa média de rotação entra em cena no agregado. E isso pode ser acelerado mais por melhores comunicações, eficiência nos transportes e administração de estoques, mas apenas aumentará a taxa de lucro se o capital constante não crescer ao mesmo tempo¹⁰.

Harvey diz que os apoiadores da QTTL, como eu, sugerem que “a financeirização não teve nada a ver com a quebra de 2007/2008. Essa afirmação soa ridícula face o curso real dos acontecimentos. Também deixa de implicar banqueiros e financeiros no que respeita ao seu

papel na criação de crises”. Porém, essa acusação de omissão certamente não se aplica a mim. Qualquer um que tenha lido o meu livro (Roberts, 2009) sabe que devoto grande espaço ao *boom* e à derrocada imobiliária norte-americana, à crise bancária, ao papel dos derivativos, e assim por diante. De fato, meu blog atual tem 25 posts sobre a relação entre lucratividade, crédito (dívida), bancos e a crise. E em 2012, no ano em Harvey fez seu intrigante discurso no memorial Isaac Deutscher, na conferência Historical Materialism, em Londres¹¹, eu apresentei um longo artigo intitulado “Debt Matters” [A dívida importa – NT] (Roberts, 2012b). Essa monomania não é tão mono (quicá maníaca).

Ciclos e queda

Harvey diz que Marx, “cada vez mais, via as crises não como um sinal da dissolução iminente do capitalismo, mas como fases da reconstrução e renovação capitalista”. Se Harvey quer dizer que Marx não tinha uma teoria de que o capitalismo iria colapsar e tinha apenas uma de crises cíclicas, então eu não acho que ele esteja correto. Ele tinha ambas: a cíclica e a secular. Sim, as crises, pela destruição do valor (e do valor de uso), criam as condições para a “renovação” ao restaurar a lucratividade, previamente conduzida à queda pela QTTL. Mas não há saída permanente, assim como não há crise permanente. A lei vai exercer seu poder novamente e a lucrativi-

dade vai declinar novamente, possivelmente provocando uma nova crise (derrocada). Então, como Marx aponta:

uma vez que o ciclo começa, ele é regularmente repetido. Os efeitos, por sua vez, tornam-se causas, e os acidentes variados de todo o processo, que sempre reproduz suas próprias condições, tomam a forma de periodicidade (Marx, 1987, parte VII, capítulo 25, p. 633).

Esse processo cíclico de crises não é para restaurar algum equilíbrio. As crises não restauram alguma noção neoclássica de equilíbrio, mas ao invés disso sacodem o processo de acumulação de volta do colapso apenas para fazê-lo avançar dinamicamente de novo; o equilíbrio é apenas ocasional.

Ademais, à medida que o poder proletário ou reversivo das tendências contrariantes amaina, o capital encontra mais e mais dificuldade para se apropriar do valor e da mais-valia. E o capital não é mais capaz de desenvolver as forças produtivas em todo o seu potencial. Então, a QTTL de Marx não apenas proporciona uma explicação causal para as crises, como ela também mostra a natureza transitória do modo de produção capitalista.

A prova

Indo adiante da metodologia e da lei, Harvey se refere à minha “gama de gráficos e dados estatísticos” para “reforçar” meu caso, mas parece dispensar seu valor ou relevância. Bem, há dois pontos aqui. Primeiro, estão os dados corretos: tem havido uma taxa decrescente de lucro nas principais economias capitalistas ao longo da vida

do capitalismo moderno, ou ao menos desde a Segunda Guerra Mundial? Segundo, se existe uma boa prova de que tem havido uma queda secular (intermediada por períodos de lucratividade crescente), isso é explicado pela lei de Marx? Ou há outros motivos (mais válidos) para a lucratividade cair? Essas são perguntas que Harvey coloca logo de início.

Bem, a prova para uma queda secular na taxa de lucro do capital é contundente tanto para a mais importante economia capitalista do século XIX, a Grã-Bretanha, como para a mais importante economia capitalista do século XX, os EUA¹². E temos tido novos trabalhos de estudiosos marxistas que têm tentado medir a taxa de lucro para muitos capitais nacionais ao redor do globo desde 1870 e desde o fim da Segunda Guerra. Eles mostram uma queda secular (Maito, 2014; Roberts, 2012b).

A questão seguinte é, mesmo que aceitemos que o capitalismo exibe uma tendência para a taxa de lucro sobre o capital cair que seja corroborada pela realidade, talvez isso seja causado por outros fatores distintos da lei de Marx. Como Harvey coloca: “Taxas de lucro podem cair pelos mais distintos motivos”. Ele cita uma queda na demanda (a explicação pós-keynesiana), um aumento nos salários (a explicação da compressão do lucro [profit squeeze]), “escassez de recursos”, poder do monopólio (extração de renda pelo capital industrial). Sim,

12 - Ver Roberts (2011b), que compila toda a pesquisa empírica sobre a taxa de lucro, a la Marx, mostrando um acentuado grau de concordância no movimento da taxa de lucro e também explicando como a queda da lucratividade afeta investimentos e causa crises.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2019
ISSN 2175-3709

uma “ampla gama” novamente.

No entanto, não seria a questão essencial da pesquisa científica tentar identificar a causa principal para uma variedade de possibilidades? Se pudermos mostrar que, quando a taxa de lucro cai, ela é causada por um aumento da composição orgânica do capital que não é contrariada suficientemente por uma taxa crescente de mais-valia, então temos uma boa prova de que a lei de Marx é a causa. E realmente isso é o que o trabalho de diversos economistas marxistas tem sido capaz de mostrar, particularmente em relação ao movimento da lucratividade nos EUA, mas não apenas ali (Roberts, 2013a).

De fato, é isso que tenho mostrado em meu “amontoado de gráficos”: uma relação inversa entre a taxa de lucro e a composição orgânica do capital (Roberts, 2011b). A medida é quase perfeita. Quando a taxa de lucro está subindo, a composição orgânica do capital está caindo, e vice-versa. Em outras palavras, isso é forte evidência de que movimentos na taxa de lucro são causados por movimentos inversos na composição orgânica do capital. E não sou o único pesquisador a mostrar isso.

A “diversa gama” de outras causas ou reforça ou contraria esse movimento. Elas são contingentes no sentido de que podem ser esperadas ou não, de acordo com as circunstâncias. E quando elas acontecem, elas dão uma forma específica para a crise.

Composição orgânica crescente e produtividade

Harvey diz que “o único caminho adiante aqui seria mensurar os impactos diretos da mudança da produtividade do trabalho sobre as taxas de lucro”. Mas é isso o que a QTTL pode fazer. A lei diz que uma composição orgânica do capital crescente é acompanhada por uma produtividade do trabalho crescente; é o lado negativo da acumulação de capital. Entretanto, a grande contradição é que a produtividade do trabalho crescente é ao final combinada com uma lucratividade decrescente. Isso se dá porque, mesmo se o capital se apropria de todo aquele novo valor criado pela produtividade do trabalho aumentada e os trabalhadores não recebem salário e, assim, “vivem de ar”, a lucratividade vai ao final cair devido ao aumento da composição orgânica do capital. O impacto da produtividade do trabalho crescente sobre o lucro depende da taxa de exploração daquele trabalho. Por si só, uma produtividade mais alta não influencia a lucratividade porque produtividade mede valores de uso.

Afinal, o que dá o primeiro impulso para essas revoluções na produtividade, como, por exemplo, a decisão de Henry Ford de mudar para as técnicas de linha de montagem? São certamente os dispêndios aumentados em bens de capital em relação ao trabalho vivo, portanto o aumento na composição orgânica do capital. A produtividade assim aumentada diminui o valor da força de trabalho e também barateia o ca-

pital constante. Isso deveria aumentar a lucratividade. Porém, a produtividade aumentada só é possível por meio do aumento da composição do capital e isso diminui a lucratividade. A última tendência acaba por predominar.

Harvey quer diferenciar entre a composição-valor do capital (CVC) e a composição orgânica (COC). Ele afirma que “a composição-valor para o capital como um todo aparece na melhor das hipóteses como tautológica e na pior como um conceito totalmente incoerente”. Segundo Harvey, isso ocorre porque “a única medida de produtividade relevante para o capital é a produção de mais-valia, e isso é o que mudanças na produtividade deveriam explicar”. No entanto, Harvey está equivocadamente identificando produtividade com lucratividade. Se a taxa de lucro é apenas uma medida de produtividade, mudanças na produtividade não podem explicar mudanças na taxa de lucro e isso seria tautológico. Mas o que explica mudanças na taxa de lucro são variações na composição orgânica do capital, e então não há tautologia.

A falta de compreensão de Harvey de dois conceitos o faz parcialmente incorrer na suposta “incoerência”. Ele se refere à “composição orgânica do capital e a composição-valor do capital: a primeira sendo definida pela razão entre capital constante e variável dentro de uma empresa ou mesmo dentro de um setor inteiro ou ‘departamento’, enquanto a última mede a produtividade para o capital como

um todo”. Isso não está correto. Fine e Saad-Filho (2004, p. 110) trabalham melhor o significado de Marx: “A COC mede os resultados da acumulação com referência exclusiva à esfera da produção (...) enquanto a CVC reflete esse processo na esfera da troca”. E continuam: “o aumento da COC associado aos métodos de produção especificamente capitalistas é a fonte da ‘lei enquanto tal’, ao passo que a formação da CVC é associada com as tendências contrariantes”.

Exatamente: mudanças na produtividade são acompanhadas por um aumento da composição orgânica do capital (mesmo que moderado pelo efeito de barateamento da produtividade crescente), enquanto a “produção” de mais-valia é indicada pela taxa de mais-valia ou exploração.

Aqui os temos novamente, os dois pressupostos de Marx para a lei: apenas a força de trabalho cria valor (ou mais-valia) e o capital só pode expandir e acumular por meio de um aumento da composição orgânica do capital. Estariam esses pressupostos confirmados na realidade? A composição orgânica do capital (e a composição do valor) aumenta? A taxa de lucro cai ao longo do tempo à medida que a composição orgânica do capital aumenta e vice-versa? A evidência é que sim.

Harvey usa como um exemplo da “incoerência” do conceito de Marx o nível de integração vertical na economia. Se mais atividade econômica é subcontratada isso significa que a COC mudou? Ele está certo



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2019
ISSN 2175-3709

em apontar que isso torna a medida da COC real mais difícil. Entretanto, se o mesmo número de trabalhadores está usando exatamente o mesmo equipamento de capital para realizar exatamente as mesmas tarefas, o fato de serem todos eles parte da mesma firma ou serem as suas atividades subcontratadas é certamente irrelevante para a economia como um todo. E eu e outros usamos números agregados para o investimento na economia como um todo, então o problema do nível de integração vertical que Harvey aponta não é tão importante quanto seria para o caso de uma empresa particular.

Harvey considera que o dinheiro distorce os dados de qualquer maneira, particularmente na era moderna da inflação, então a “lacuna entre a criação de valor e o que o dinheiro faz se torna maior e maior”. E nós, coletores de dados, ignoramos essa anomalia. Ao contrário, muitos de nós passamos muito tempo isolando o efeito da inflação monetária de tal modo que podemos discernir as mudanças subjacentes o mais próximo possível dos termos do valor (ver Kliman, 2011; Carchedi, 2011)¹³.

Harvey claramente não aceita que eu e outros encontramos dados e prova que apoiam a conclusão de que a QTTL de Marx é a melhor explicação para a queda da lucratividade. Ainda assim, ele é gentil o bastante para dizer que “isso não significa que os dados sobre lucro são inúteis. Bem ao contrário”, uma vez que a taxa de lucro em dinhei-

ro é real o suficiente. Harvey continua: “Provas convincentes de que a taxa de lucro monetária está caindo é um fato social significativo que afeta a todos nós e ao qual nós tipicamente reagimos”. Isso parece invalidar todas as suas objeções prévias ao trabalho empírico dos apoiadores da QTTL.

Outras possibilidades

Harvey, todavia, vai além de ser cético quanto aos dados. Ele duvida que haja lucratividade decrescente, embora ela seja medida, e também considera que há explicações melhores para as crises atuais do capitalismo do que a lucratividade decrescente.

Sobre o primeiro ponto, Harvey cita lucros crescentes em várias partes da economia moderna: na construção civil, no investimento em mercado de ações, produtos de marca e assim por diante. Ele afirma que “na imprensa econômica hoje em dia” sugere-se que os negócios nos EUA estão operando “com uma alta taxa de lucro” e cita o “surpreendente crescimento na massa senão na taxa de lucro”. Bem, é aí que uma pesquisa apropriada e a análise de dados são necessários, mais do que a crença na “imprensa econômica” para “evidência episódica”.

Primeiro, a lei de Marx é sobre a lucratividade decrescente do capital e sobre a queda na massa dos lucros, embora a primeira possa levar à última de uma maneira muito decisiva. Harvey dá uma escorregada

13 - Num capítulo para um livro conjunto no qual eu e Carchedi estamos trabalhando, Carchedi (no prelo) mostra que as taxas de lucro (em termos de valor e de dinheiro) diferem quantitativamente, mas elas seguem uma a outra bem de perto.

quando se refere à lei de Marx como uma explicação sobre “lucros decrescentes”¹⁴. Remeter a jornais para afirmar que os lucros dos negócios estão altos não é bom o suficiente, porque a lucratividade pode estar caindo ao mesmo tempo. De fato, geralmente este é o caso: a massa de lucros numa economia está sempre crescendo, exceto apenas após uma derrocada quando os negócios (a começar pelos mais fracos) descobrem que uma produção renovada entrega não apenas uma taxa de lucro menor como também lucros absolutos menores.

Segundo, eu e outros gastamos muito tempo e esforço tentando apurar o que está acontecendo com a taxa e com a massa de lucro. Como o próprio Marx argumentou, existe um ponto no processo de acumulação quando a taxa de lucro sobre o estoque de investimento cai a um nível que o novo investimento na verdade conduz a uma queda na massa de lucro e no novo valor¹⁵. Essa “sobrea-cumulação absoluta” de capital é o gatilho para o colapso do investimento e, então, para falências, desemprego e receitas decrescentes; em outras palavras, uma derrocada¹⁶.

Um estudo de Tapia Granados (2012) mostrou que essa sequência causal vale para a economia dos EUA desde 1945, e Carchedi e eu (Carchedi e Roberts, 2013) mostramos que isso vale para a Grande Recessão também¹⁷. Também assim mostrou Mick Brooks (2012)¹⁸. Mais uma vez, existe uma “ampla gama” de gráficos e dados feitos por mim e por outros para sustentar.

Porém, Harvey prefere outros motivos para as crises capitalistas do que a lei de Marx. Há o efeito do crédito, da financeirização e de mercados financeiros; a desvalorização da parte fixa do capital constante na forma de obsolescência; e, acima de tudo, os limites à demanda do consumidor impostos pela retenção em níveis baixos dos salários reais relativamente ao investimento capitalista e aos lucros.

Aquela velha história

Harvey retoma aquela velha história da “pobreza e o consumo restrito das massas” como “o motivo definitivo para todas as crises”. A citação na verdade vem de uma seção do Livro 3 do *Capital* sobre capital monetário e capital real que Marx chamou de “a confusão”. E não surpreende. Basicamente consiste de citações não digeridas de debates sobre a política monetária relativos ao Ato Bancário de 1844. Essa parte do Livro 3 do *Capital* tem poucas conclusões claras e parece estar na forma de notas preliminares de Marx para si mesmo, para estudos futuros. Por comparação, os capítulos da terceira seção do Livro 3, sobre a taxa de lucro, estão mais bem argumentados e extremamente amarrados e coerentes.

A citação sobre a “pobreza e o consumo restrito das massas” destoa completamente do restante. Os estudiosos da *MEGA* notam que ela era originalmente uma citação entre colchetes que Engels incorporou ao

14 - Harvey também comete outra escorregada ao apresentar como a QTTL opera, no começo de seu artigo, ao dizer que “a concorrência força produtores capitalistas a investir em tecnologias poupadoras de trabalho para preservar suas fatias de mercado”. Não: é para aumentar a lucratividade, não a fatia de mercado.

15 - Marx (1967, p. 255): “porque o capital seria incapaz de explorar trabalho (...) num grau que pelo menos aumentasse a massa de lucro junto com o crescimento da massa de capital empregado”.

16 - Veja minha prova para esse processo causal em Roberts (2014a).

17 - E num artigo não publicado, Carchedi (no prelo) descobre que as crises ocorrem em anos de porcentagem negativa de crescimento do valor e da mais-valia.

18 - Brooks (2012): “O Escritório de Análise Econômica dos EUA (BEA) mostra que, no terceiro trimestre de 2006, a massa de lucros pré-impostos atingiu um pico de US\$ 1.865 bi. Por volta do último trimestre de 2008 atingiu o nível mais baixo de US\$ 861 bi. Isso representa uma queda de mais da metade. O colapso dos lucros que o BEA registra a partir de 2006 causaria uma recessão de qualquer forma, com ou sem uma crise bancária. Um corte pela metade na massa dos lucros é uma catástrofe para o capitalismo e explica em sua própria gravidade a Grande Recessão”.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2019
ISSN 2175-3709

19 - Qual é o significado de *grund* nesse contexto? O famoso parágrafo consiste em duas frases. A primeira segue de “O motivo definitivo” até “das massas” e a segunda desde “como oposto a” até “seu limite”. Uma tradução melhor para o famoso parágrafo seria: “Definitivamente, o fundamento/base sobre o qual todas as crises reais se desenvolvem permanece sendo a pobreza” e assim por diante. Para sustentar sua posição, os apoiadores da teoria do subconsumo não consideram a segunda frase, mas ela é o começo do argumento.

20 - A resposta keynesiana é que os salários mais baixos diminuem as vendas e, então, afetam negativamente os lucros e a taxa de lucro. No entanto, Carchedi (2012) mostrou que a taxa não se altera se todas as mercadorias permanecem não vendidas, e aumenta se parte das mercadorias são compradas pelo capital.

texto. “O motivo definitivo” é “*der letzte Grund*” na *MEGA*. Então, o “motivo” é uma tradução incorreta na velha história. Não tem nada a ver com as noções de “causa” como sugerido por aqueles que usam a citação como uma explicação para o desencadeamento da crise capitalista¹⁹.

A citação do Livro 3 pode apenas sustentar a visão de que Marx tinha um olhar subconsumista das crises acaso for tirada de contexto. Ela aparece na discussão de Marx sobre a relação entre o crédito comercial e as crises reais. Marx (1967, p. 483) argumenta que, em períodos de crises, os mercados são saturados e ainda o crédito é contraído. Fica claro que Marx se refere aqui a crises de realização, à impossibilidade de vender todas as mercadorias num preço inalterado.

O argumento de Marx é de que a concorrência “desenvolve as forças produtivas”, ou seja, aumenta a produtividade “ainda que o poder de consumo absoluto da sociedade constitua seu limite”. Mas o desenvolvimento das forças produtivas anda de mãos dadas com a expulsão do trabalho e quando as crises explodem essa expulsão reduz o consumo das massas. O consumo produtivo e improdutivo dos capitalistas também é reduzido. O subconsumo é uma consequência e não a causa das crises.

O que causa o subconsumo? A resposta é óbvia: baixos salários. Mas por que os salários caem? Os salários caem porque o emprego cai com a mesma taxa de salário ou porque a taxa

de salário cai com o mesmo emprego. Em outras palavras, os salários caem ou porque menos valor é produzido ou porque mais valor é apropriado pelo capital. Um decréscimo generalizado no emprego implica que o ciclo de queda, e possivelmente a crise, já começou. Se os salários caem por causa do aumento dos lucros, então isso não pode ser a causa das crises porque a taxa de lucro sobe²⁰.

Assim, Marx não “[confundiu] assuntos” (Harvey) quando especificamente rejeitou uma explicação subconsumista de crises ao dizer que “é uma pura tautologia dizer que as crises são provocadas por falta de demanda ou de consumo mais efetivo”. [A teoria – NT] do subconsumo pressupõe o que quer para explicar. Uma falta de demanda é a descrição da realização da crise, ou derrocada, não uma explicação de sua causa. Aceitar o contrário é aceitar a inadequada “explicação” keynesiana (não que os seguidores de Keynes realmente se importem de ter uma).

Nenhuma teoria sequer

Se não aceitamos que a QTTL de Marx é a base de sua teoria das crises, então devemos aceitar que Marx não tinha qualquer teoria de crise. De fato, isso é o que os especialistas da *MEGA*, Heinrich e Kratke (2015), querem que nos concluamos. Talvez, então, possamos cair novamente em várias teorias da economia burguesa baseadas nos *booms* de crédito (escola austríaca), na especu-

lação financeira (Minsky), na falta de demanda (Keynes), nos baixos salários e desigualdade (Stiglitz e os pós-keynesianos) (Roberts, 2010; 2014b). Todos eles têm algo em comum: que se a teoria deles estiver certa, então o capitalismo pode ser corrigido pela regulação financeira (Wolf, 2014), por maiores salários (pós-keynesianos), ou por taxação progressiva (Piketty, 2014), sem substituir o próprio modo de produção capitalista. Isso é porque essas teorias argumentam que não há uma contradição fundamental no modo de produção capitalista que cause crises recorrentes e cíclicas (como Marx defendia); há apenas problemas com a circulação.

De fato, é o que Harvey conclui. Ele quer que consideremos teorias alternativas baseadas no circuito secundário do capital – ou seja, fora daquela parte do circuito que lida com a produção de valor e de mais-valia, – e, ao invés disso, que olhe-mos para a parte que concerne à distribuição do valor entre os “muito capitais” envolvendo, em particular, a superprodução especulativa. Novamente, Harvey quer que olhe-mos para as crises causadas por uma redistribuição do valor criada pela “espoliação”, uma forma de “acumulação primitiva” na qual a riqueza é acumulada à força ou por confisco e não pela exploração do trabalho assalariado na produção como num capitalismo moderno totalmente desenvolvido.

Harvey (no referido artigo) pergunta:

Como a queda da taxa, se existe, explica uma crise que, ao menos na superfí-

cie, foi uma crise comercial e financeira que começou nos mercados de moradia da Califórnia, Arizona, Nevada, Flórida e Georgia (com aberrações na Espanha, Irlanda, Hungria e vários outros países) antes de se espalhar pelo mundo por contágio num sistema financeiro global que infectou todos os tipos de setores de maneira diferenciada, em intensidades distintas e em diferentes lugares e tempos?

Porém, o estouro da bolha nos preços de habitação e a restrição do crédito (iniciada em 2007) vieram após uma queda na taxa e massa de lucro em 2006. Isso é atestado pelos dados oficiais do escritório norte-americano BEA. O capitalismo passou por um “momento papa-léguas”, quando o sistema cobrou adiante – sobre o desfiladeiro.

Ademais, tratou-se de uma crise econômica mundial, afetando países que indubitavelmente tinham uma bolha no preço da moradia e crédito fora de controle, mas também outros que não tinham. Se aceitamos que a restrição do crédito foi impulsionada pelo estouro da bolha dos preços de moradia em alguns estados dos EUA, por que ela se espalhou por todo mundo tão rapidamente²¹? Para todas as principais economias, a taxa de lucro estava caindo antes do desenrolar da recessão. Manias financeiras, pânico e quebras não podem render uma explicação do ciclo recorrente de *boom* e derrocada, não a causa fundamental.

Excluindo o indesejável

Harvey diz que aqueles que advogam em favor da QTTL de Marx como uma causa subjacente e definitiva de crises recorrentes e regulares ou da derrocada na produção tipicamente

21 - Roberts (2009) para uma análise do papel global da dívida securitizada e derivativos. Mas note que muitos bancos colapsaram na Europa por falta de crédito e não porque eles adquiriram muitos derivativos e obrigações de dívida colateralizadas lastreadas em hipotecas (CDOs) de bancos dos EUA.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2019
ISSN 2175-3709

apresentam a lei “de tal maneira a excluir da consideração outras possibilidades que Marx apresentou”. Bem, sim, no nível de uma lei subjacente outras possibilidades foram excluídas, se se quiser, por um processo de eliminação, porque elas não explicam as crises e não podem prever quaisquer outras novas.

Harvey diz, ao final do seu artigo, que “Marx estava, creio eu, correto de nunca largar aquele princípio das muitas barreiras que a acumulação de capital tinha que confrontar, sendo o próprio capital a maior delas”. Porém, aparentemente, “ele precisava de uma teoria cada vez mais nuançada de como e por que as coisas seriam assim”. Eu contesto dizendo

que Marx era mais “monocausal” ao preservar esse “princípio” e não a tornou “cada vez mais nuançada”. Deveríamos seguir Marx aqui.

Em resumo, a QTTL de Marx permanece indispensável para qualquer teoria marxista das crises sob o capitalismo. Não há nenhuma evidência para sugerir que Marx a tenha abandonado como sendo ilógica ou irrelevante. A lei da tendência e as contra-tendências oferecem uma explicação causal para a natureza cíclica da acumulação capitalista, com um crescente corpo de evidência empírica para apoiá-la. Nada que tenha sido oferecido como uma alternativa por Harvey e por outros é tão convincente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARAN, P. e SWEEZY, P. **Monopoly Capital: An Essay on the American Economic and Social Order**. Nova York: Monthly Review Press, 1962.

BROOKS, M. **Capitalist Crisis, theory and practice**. Varsóvia: Expedia, 2012.

CARCHEDI, G. **Frontiers of Political Economy**. London: Verso, 1992.

_____. “Zombie Capitalism and the Origin of Crises”. In: **International Socialism**, n. 125, 2010 (a). Acessado em 5 junho de 2015 em: <<http://www.isj.org.uk/index.php4?id5614&issue5125>>.

_____. “Behind and Beyond the Crisis”. In: **International Socialism**, n. 132, 2010 (b). Disponível em: <<http://gesd.free.fr/carchedi11.pdf>>.

_____. **Behind the Crisis – Marx’s Dialectics of Value and Knowledge**. Leiden: Brill, 2011.

_____. “Could Keynesian Policies End the Slump? An Introduction to the Marxist Multiplier”. In: **International Socialist Review**, n. 136, 2012. Disponível em: <<http://gesd.free.fr/carch12.pdf>>.

_____. “Crises and Marx’s Law”. In: CARCHEDI e ROBERTS, M. (orgs.). **The World in Crisis**. Portland, OR: Zero Books (no prelo).

CARCHEDI e ROBERTS, M. “The Long Roots of the Present Crisis”. In: **World Review of Political Economy**, 2013. Disponível em: <<http://gesd.free.fr/robarch13.pdf>>.

_____. “Measuring the Turnover of Capital and Variable Capital”, artigo não publicado, s. d.

COGOY, M. “The Falling Rate of Profit and the Theory of Accumulation”, traduzido a partir de COGOY, M (1974), “Baisse du taux de profit et theorie de l’accumulation”, *Les Temps Modernes*, v. 31, n. 330, 1974, pp. 1231–1255.

DUMENIL, G. e LEVY, D. “The Crisis of the Early 21st Century: A Critical Review of Various Interpretations”, 2011. Acessado em 5 de junho de 2015, em: <<http://www.jourdan.ens.fr/levy/dle2011h.pdf>>.

FINE, B. e SAAD-FILHO, A. **Marx’s Capital**. Londres: Pluto Press, 2004.

GEORGE, E. “But Still It Falls: On the Rate of Profit”, 4 de julho de 2013, disponível em: <<http://gesd.free.fr/stillitf.pdf>>.

GROSSMANN, H. **The Law of Accumulation and Breakdown of the Capitalist System, being also a Theory of Crises**. Londres: Pluto Press, 1992.

_____. **50 Years of Struggle over Marxism 1883–1932**. Trad. Rick Kuhn. Londres: Marxist Left Review, 2014.

_____. **Marx, Classical Political Economy and the Problem of Dynamics**. Trad. Rick Kuhn. Victoria, Australia: Marxist Left Review, 2015.

HEINRICH, M. “Crisis Theory, the Law of the Tendency of the Rate of Profit

to Fall and Marx’s Studies in the 1870s”. In: **Monthly Review**, v. 64, n. 11, 2013. Acessada em 5 de junho de 2015 em: <<http://digamo.free.fr/heinrich13.pdf>>.

HOWARD, M. C. e KING, J. E. **A History of Marxian Economics**. Volume 1. Nova York: Macmillan Press, 1989.

KLIMAN, A. **The Failure of Capitalist Production**. Londres: Pluto Press, 2011.

KRATKE, M. “Marx’s Theory or Theories of Crisis”, artigo apresentado no Capitalism Workshop, King’s College London, maio de 2015.



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2019
ISSN 2175-3709

MAITO, E. “The Historical Transience of Capital: The Downward Trend in the Rate of Profit since the 19th Century”, 2014. Acessado em 5 junho de 2015 em: <<http://gesd.free.fr/maito14.pdf>>.

MARX, K. **Capital**. Volume 1. Nova York: International Publishers, 1967.

_____. **Grundrisse**. London: Penguin, 1973.

_____. **Capital**. Volume 2. Nova York: International Publishers, 1987.

MATTICK, P. **Economic Crisis and Crisis Theory**. Paris: Editions Champ Libre, 1974.

MILLER, J. “Must the Profit Rate Fall – a Defense of Marx against Paul Sweezy”, 1995. Acessado em 5 de junho de 2015 em: <<http://gesd.free.fr/miller95.pdf>>.

MOSELEY, F. “Marx, Engels, and the Text of Book 3 of Capital”. In: **International Journal of Political Economy**, v. 32, n. 1, 2004, p. 3–13.

_____. (org.) **Marx’s Economic Manuscript of 1864–65**. Trad. Ben Fowkes. Londres: Brill, 2015.

PANITCH, G. e GINDIN, S. **The Making of Global Capitalism: The Political Economy of the American Empire**. Londres: Verso, 2013.

PIKETTY, T. **Capital in the 21st Century**. Nova York: Belnap Press, 2014.

ROBERTS, M. **The Great Recession, Profit Cycles and Crises: A Marxist View**. Londres: Lulu Press, 2009.

_____. “The Causes of the Great Recession”, artigo apresentado na Association of Heterodox Economists Conference, julho de 2010. Disponível em: <<http://hetecon.net/>>.

_____. “The Crisis of Neoliberalism and Gerard Dumenil”. Acessado em 5 de junho de 2015 em: <<http://thenextrecession.wordpress.com/2011/03/03/the-crisis-of-neoliberalism-and-gerard-dumenil/>>.

_____. “Measuring the Rate of Profit, Profit Cycles and the Next Recession”, artigo para 13a Conferência Anual da AHE, julho de 2011 (b). Acessado em 5 de junho de 2015 em: <<http://gesd.free.fr/mrobpof.pdf>>.

_____. “David Harvey, the Marxist Method and the Enigma of Surplus”. 2011 (c). Acessado em 5 de junho de 2015 em: <<https://thenextrecession.wordpress.com/2011/11/13/david-harvey-marxs-method-and-the-enigma-of-surplus/>>.

_____. “Debt Matters”, artigo para a Historical Materialism Conference, Londres, novembro de 2012 (a). Acessado em 5 de junho de 2015 em: <<https://thenextrecession.files.wordpress.com/2012/11/debt-matters.pdf>>.

_____. “A World Rate of Profit”, artigo apresentado na conferência conjunta AHE/IPPE em Paris, 2012 (b). Acessado em 5 de junho de 2015 em: <<http://gesd.free.fr/mrwrate.pdf>>.

_____. “The US Rate of Profit: Extending the Debate”, 19 de dezembro de 2013 (a). Acessado em 5 de junho de 2015 em: <<http://gesd.free.fr/mr1213.pdf>>.

_____. “Michael Roberts and Guglielmo Carchedi on Heinrich”. 2013 (b). Acessado em 5 de junho de 2015 em: <<http://gesd.free.fr/mrhtprof.pdf>>

_____. “Tendencies, Triggers and Tulips”. Apresentação no Third Economics Seminar of the International Institute of Research and Education (IIRE), 14 de fevereiro de 2014 (a), Amsterdam. Acessado em 5 de junho de 2015 em: <<http://thenextrecession.files.wordpress.com/2014/02/presentation-to-the-third-seminar-of-the-fi-on-the-economic-crisis.pdf>>.

_____. “Is Inequality the Cause of Capitalist Crises?”. 2014 (b). Acessado em 5 de junho de 2015 em: <<https://thenextrecession.wordpress.com/2014/03/11/is-inequality-the-cause-of-capitalist-crisis/>>.

ROSDOLSKY, R. **The Making of Marx’s Capital**. Londres: Pluto Press, 1977.

SEIGEL, J. **Marx’s Fate: the shape of a life**. University Park, PA: Pennsylvania

State University Press, 1993.

SMITH, J. **Imperialism and the Globalisation of Production**. Tese. Universidade de Sheffield, julho de 2010. Acessado em 5 de junho de 2015 em: <<https://thenextrecession.files.wordpress.com/2012/12/imperialism-the-globalisation-of-production.pdf>>.

SWEEZY, P. **The Theory of Capitalist Development**. Londres: D. Dobson, 1946.

TAPIA GRANADOS, J. “Does Investment Call the Tune?”, maio de 2012. Acessado em 5 de junho de 2015 em: <http://sitemaker.umich.edu/tapia_granados/files/does_investment_call_the_tune_may_2012__forthcoming_rpe_.pdf>.

TREEN, M. Discurso na Conferência Anual da Organização Socialista Fightback. Wellington, 31 de maio – 1o. Junho de 2014,



Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Janeiro-Junho, 2019
ISSN 2175-3709

e seminário no Socialist Aotearoa in Auckland, 12 de outubro de 2014. Disponível em Links International Journal of Socialist Renewal: <<http://links.org.au/node/4156>>.

WOLF, M. **The Shifts and the Shocks: What We've Learned – and Have Still to Learn – From the Financial Crisis**. Nova York: Penguin, 2014.

YAFFE, D. “The Marxian Theory of Crisis and the State”, Boletim da Conference of Socialist Economists, inverno de 1972, p. 5–58. Disponível em: <<https://www.marxists.org/subject/economy/authors/yaffed/1972/mtccs/index.htm>>